

REV. CIUDADES / JAN 98 ANOV

REPORTAGEM DE JAN NENG. 28 PATRI-
MÔNIO HISTÓRICO DE SÃO PAULO

NOS TEMPOS DE POMMERY *

“AS MULHERES BOAS VÃO PARA O CÉU,
AS MÁS VÃO A QUALQUER LUGAR”.¹

Paula Ester Janovitch*

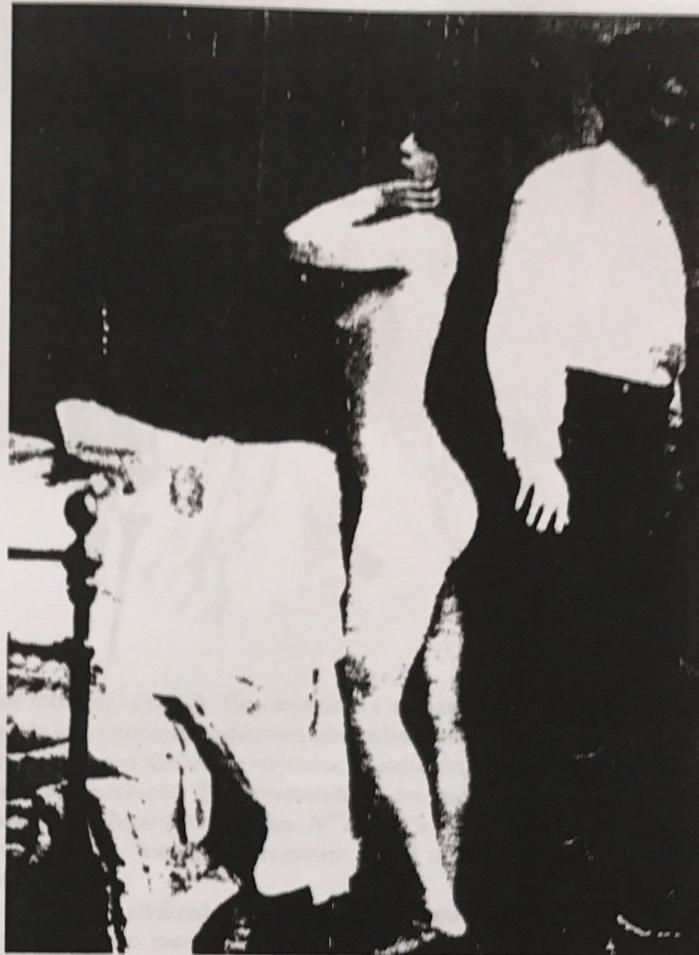


Nas primeiras déca-
das do século XX,
quando São Pau-
lo era uma cidade
pequena, ainda no

seu início de urbanização, che-
garam levas e levas de imi-
grantes que, em sua maioria
vinham se fixar no novo con-
tinento, “fazer América”.
Nessas levas chegaram tam-
bém prostitutas de várias ori-
gens: francesas, polonesas, russas, alemãs e italianas. Elas também vieram “fazer América” e acabaram se tornando parte integrante da vida urbana das grandes cidades latino-americanas, como São Paulo.

Quem já não ouviu falar nas “polacas”, nas “francesas”, nas “espanholas” e tantas outras que perduraram na memória coletiva, quase como mitos das grandes cidades? Madame Pommery foi uma dessas imigrantes. Ela fez o roteiro de milhares de outras mulheres que vieram “fazer América”,

com uma única diferença. Ela, somente ela, tornou-se texto literário e apareceu com múltiplos coloridos na obra de José Maria de Toledo Malta, Hilário Tácito, como ficou conhecido para a literatura paulistana, à época em que Monteiro Lobato editou *Madame Pommery* (1920).²



Como seria ser descoberto por uma cortesã com nome de champanhe francesa? E se de repente percebesse que este champanhe era falso e produzido aqui mesmo, em território nacional?

Então, tudo poderia ser trocado. Ao invés de Portugal, a **Descoberta** estaria mais na interferência de duas outras nações: a Espanha cavaleiresca e a Polónia das baladas. Entre Cabral e seu lendário comentarista, Pero Vaz de Caminha, surgia, na disparada do navio *Bonne Chance*, Madame Pommery e seu arteiro narrador, Hilário Tácito.

Mme. Pommery aportou em território nacional nos primeiros anos do século XX, aqui chegando pelas mesmas mãos que trouxeram Cabral: o **Acaso**. Como os bandeirantes, que se aventuraram pelo interior do país em busca de índios e pedras preciosas, Mme. Pommery e as mais diversas mercadorias, vindas com o navio *Bonne Chance* (*Sorte Boa*): “quinze pipas de vinho Bordeaux, sardinhas, bacalhau, dois mil volumes de Zola, sebo, quarenta caixas de Champanha - e Mme. Pommery” (p. 61)³ **subiram a Serra** para a educação de uma nova civilização.

Amanhecia na cidade, o *Triângulo*⁴ espichava-se cada vez mais, os viadutos rompiam as escarpas naturais que impediam o crescimento urbano, o homem dominava o Vale do Anhangabaú, uma esteira de ferro estendia-se rapidamente por séculos de história. O Mosteiro de São Bento, com sua muralha de pedras, derramava-se pela encosta do Anhangabaú, tornava-se, de repente, uma lembrança dos tempos coloniais, um bastião solitário, uma curva que



A PENSÃO DORÉE OU “42”, NA RUA S. JOÃO



CARTÃO POSTAL DA BELLE ÉPOQUE

terminava uma cidade e que agora assistia ao início de outra, talvez menos defendida, quem sabe mais aberta... Mme. Pommery desceu na Estação da Luz, deixou no chão suas enxúndias e olhou resoluta para a cidade que despertava. A neblina umedecia as folhagens e o único barulho que se ouvia era o *lu-fa-lu-fa* do trem. Ela se dirigiu para o centro e foi habitar o Hotel dos Estrangeiros.

Naquele tempo existiam duas grandes casas noturnas: numa Mme. Pommery passou sua "infância", berço onde nossa heroína deu seus primeiros "choramingos" em território nacional; a outra era conhecida como o número "10" da Rua Formosa (p.42).

Foi nestes Palácios de Luxúria que nossa "ex-fanqueira de Marselha" aguardou, por um longo tempo, as modificações às quais estava destinada sua vinda a São Paulo. O Hotel dos Estrangeiros, na esquina da Rua Líbero Badaró, e o "10" da Rua Formosa faziam parte de um pequeno mundo dos prazeres que se estabelecia na cidade com a chegada de *cocottes* estrangeiras que vinham "fazer América", e destacavam-se em relação às meretrizes locais.⁵

No final do século XIX, São Paulo é palco de uma onda crescente de imigrações: em 1875, a cidade atinge a taxa de 54% de estrangeiros em sua população total.⁶ Este número de pessoas que chegava, na sua maioria, do continente europeu, tinha diferentes hábitos sociais e culturais, contribuindo também com novas diversões urbanas.

Quando escurecia, nesses espaços de divertimento dançava-se o maxixe, cantava-se modinhas da época e fazia-se malabarismos regados a cerveja Antarctica. A vida mundana passava, assim, com um regimento de mulheres que chegavam e um reduzido espaço para todo este variado contingente "alegre".

As lindas mulheres surgiam como vaga-lumes incandescentes



GRACIELA RODRIGUEZ

que tomavam a cidade. Elas acendiam e apagavam e, nesse eterno lusco-fusco, conquistavam admiradores, entravam sorrateiramente na vidinha provinciana, anunciando a proximidade da civilização. Transformando-as em geradoras de novos comportamentos sociais. A "*cocotte*", a "cafetina", "a francesa", as "russas" carregavam em si uma "função civilizadora".⁷

Essa "função civilizadora" modificava os espaços sociais da cidade, pelo menos nas primeiras décadas do século XX, quando as prostitutas de "alto-bordo" eram vistas nos mesmos locais que as famílias. Após os anos 20, essa presença do mundo do prazer e da vida privada da família, convivendo num mesmo espaço social, será motivo de conflitos. Mas neste primeiro momento, o encontro do **Coronel com a Cortesã** acontece no meio da rua, à vista de todos, ainda que algumas vozes já pedissem a reclusão de tais damas à privacidade de suas casas.⁸

Madame Pommery, ao contrário de Cabral, já conhecia alguém em território nacional, e esse alguém era Zoraida, sua madrastra. A preceptora que ensinou-lhe as primeiras pantomimas, treinou-a para fortalecer os músculos, dançar, saltar e finalmente adestrar. Com Zoraida, a pequena Ida (nome de batismo de Mme. Pommery) ganhou o mundo, traçou e entrançou o mapa europeu até chegar a Marselha, já com suas 34 primaveras, para se lançar numa nova aventura: "fazer América" na rota Marselha-Santos. Foi no porto de Santos que Madame Pommery reencontrou Zoraida e fixou o Coronel que a acompanhava. Pen-



ANDIM/DPH/SMC

RUA S. JOAO, 1902. À DIREITA, O CASINO PAULISTA



"Chanteuse grivoise"

sou logo no passado de sua amiga, imaginou um ombro amigo, uma leve chantagem. Só que, para sua desilusão, o passado de Zoraida não assustava nem as moscas do salão dos Estrangeiros. São Paulo, a vida local se constituía dessas uniões nem sempre tão lícitas como manda a fé cristã (p.66). Longe das fazendas, das *sinhas*, os casamentos entre cortesãs e coronéis foram comuns e notórios. Muitas *cocotes* tornaram-se esposas de importantes personalidades da cidade de São Paulo".

Entretanto, com este lapso nacional, Madame Pommery apurou o seu "fado de toreadora" à realidade de uma cidadezinha que crescia da mistura de várias culturas.

A união do Coronel com a Cortesã frutificava no centro urbano, crescia de tal forma que cada vez mais a volta do Coronel à fazenda era retardada. Mas "se o Coronel não vai à fazenda a fazenda vai ao Coronel" e a gorda esposa do Coronel, a ex-escrava, a vida cercada do espaço rural também se deslocava para o centro urbano. A *sinhá*, senhora pouco acostumada com a nova exposição da mulher, coloca o véu preto e sai à rua num gesto religioso de rebeldia. A seu lado suas filhas e netas, que já partilhavam da vida urbana, mães prestimosas e meninas *melindrosas* que viam na futilidade das aparências sua maneira de ser.¹⁰

Observando essas manifestações que convergiam para o centro urbano conseguimos compreender um pouco a confusão da nossa heroína, logo à sua chegada. Este era o cenário local, a realidade à qual Madame Pommery deveria se adaptar para transformá-la em métodos mais civilizados.

Naquela época as casas de diversões eram um misto de tudo: circo, apresentações de luta romana, *boxeurs*, cavalinhos e damas elegantes. Num mesmo lugar se concentravam diversas atrações, palco de entretenimentos meio provisórios, onde a criatividade e a imaginação tentavam



BARNO FRONTÃO BOA VISTA: ESPORTE MASCULINO



NO LARGO DO ROSÁRIO, ATUAL PRAÇA ANTONIO

se sobrepôr aos fracassos da eficiência técnica na arte do ilusionismo.

O cinematógrafo ainda não dominava as diversões dos paulistanos, que davam preferência aos cafés-concerto e suas inúmeras apresentações. O grande destaque da época, na área dos teatros de divertimentos, era o Polyteama-concerto. Localizava-se bem na Rua de São João com a Formosa, foi conhecido como o velho barracão de zinco com a melhor acústica da cidade. Em seu palco se apresentou a grande Sarah Bernhardt, a maior atriz do século XIX.¹¹

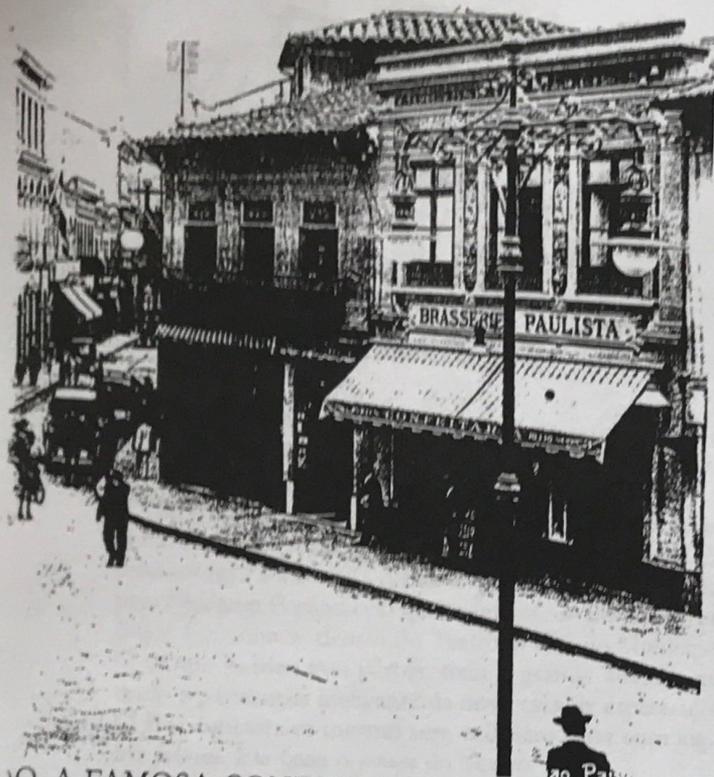
Eram os tempos modernos, o novo século despontava sem que as previsões do austríaco Rudolf Falb se confirmassem: não houve chuva de estrelas cadentes.¹² Mas, se não houve tempestade, ocorreu ao menos a queda de um único meteoro: Mme. Pommery.

De todos os lados a vida noturna começava a se movimentar mais. A Rua de São João afirmava-se como espinha dorsal dos divertimentos noturnos conduzindo a vida airada da paulicéia: a ladeira foi tomada pelos bondes e pensões alegres, sempre um andar acima, sempre com uma cortina fechada.

Na altura onde a rua de São João avistava a Libero Badaró, se impunham outros divertimentos, com destaque para o Casino Paulista, como café-concerto; foi em seu palco que Sar-Farah chocou o público paulistano deixando a mostra toda a sua nudez.¹³

"Caíam as rótulas e as mantilhas".¹⁴ As roupas começaram a encurtar, as partes do corpo se tornaram mais insinuantes e por trás de toda mulher já se avistava uma silhueta esbelta e traçoira. A rua era sua nova vitrina e a ação sua vestimenta do momento.

De todos os lados surgiam novos divertimentos, Madame Pommery crescia e prosperava: nas lutas romanas anga-



...O, A FAMOSA CONFEITARIA CASTELÕES

riu admiradores. Agora o casal **Zoraida e Coronel** fazia parte da falta de regras nas leis do amor, “cumpria-lhe o dever apostólico de remodelar esta gentildade, anunciando-lhe a Nova Lei do amor corrupto, feito limpo, decoroso e sublimado pelo batismo do Champanha” (p.44). Para seus novos intentos Madame Pommery “montou casa” e bateu a placa fundadora do novo centro difusor de cultura da cidade de São Paulo. Foi ali, bem pertinho da Igreja dos Homens Pretos, num canto da Rua de São João, que veio a ser o Palácio de Luxúrias de Madame Pommery: o Paradis Retrouvé.

A cidade se transformava a olhos vistos. O poder municipal através do plano Grandes Avenidas procurava embelezar e alargar as vias públicas da área central.¹⁵

Madame Pommery também desenhava novas estratégias para a conquista da cidade; à noite, quando escurecia, ela abria seu salão e as luzes de seu pequeno mundo dos prazeres se acendiam. Daquele “Palácio” saíam belas *cocottes* prontas para dar o bote em algum *pato*. Seu destino era previamente planejado por Madame.

A primeira parada era no Castelões. A confeitaria Castelões localizava-se na Praça Antonio Prado. No *frenesi* das horas a população que freqüentava o Castelões se modificava: de manhã, pendurados em seu balcão de zinco, amontoavam-se caixeiros viajantes; de tarde vinham as Senhoras e suas filhas, que ali davam uma “parada social” e, à noite, depois das cinco horas, o ambiente começava a ficar carregado, as *demi-mondaines* chegavam, com elas todo o público “interessado”.

Ali elas começavam seu desfile de amostras, olhavam e eram olhadas e a “via sacra” continuava. Para aqueles que não haviam encontrado companhia o roteiro previamente preparado por Madame tinha seu próximo ponto no Casino Paulista, na Rua 24 de Maio, o Teatro Santana, na

Rua Boa Vista, o Moulin Rouge no Largo do Payssandú, ou o El-Dorado, ao lado do Polyteama. Os espetáculos começavam. O público olhava atento para o palco, as cançonetistas entravam cantando a *Viúva Alegre* ou o *Vatapá*. Havia representações de comédicos que “desopilavam o fígado dos *habités*” e cantoras italianas, espanholas, que imantavam os homens com a voz cheia de ternura e expressão. Nessa altura os espetáculos estavam terminando e os cafés voltavam a encher, a *jeunesse dorée* havia saído das funções e iria comentar suas façanhas ali mesmo no *Triângulo*.

O Café Guarani, localizado na Travessa do Comércio, o Brandão, na São Bento, o Girondino e o Java aguardavam seu público fiel. Os jornalistas, advogados e boêmios sentavam-se em suas cadeiras em animadas discussões. Era nestes cafés e bares que encontramos muito da vida da cidade. Ali as discussões se acaloravam, os olhares se cruzavam e uma obra sobre a cidade surgia.

A essas horas as ruas já estavam desertas, as lâmpadas incandescentes eram apagadas e a cidade parecia se recolher. Mas apenas parecia, entre esse ritual, que lançava o *mulherio* na rua e as famílias nos bares e teatros, surgia um outro espaço onde, sem dúvida, o dito público e o dito privado se misturavam numa balbúrdia só.

A essas horas as pensões alegres eram o pouso de toda a juventude, dos coronéis, dos profissionais liberais e homens da política. Era ali dentro do Paradis Retrouvé que nossa Rainha domesticava os *botocudos*. O sistema da casa era simples: “PAGA TUDO QUE FIZERES...” (p. 90).

Dentro desses Palácios de Luxúria havia “ruidosas ceaiatas” que muitas vezes terminavam em pançadaria ou mesmo homicídios. A prostituição aliava-se aos “vícios elegantes”, na ganância por maiores lucros. O tráfico de entorpecen-



CAFÉ BRANDÃO, “POINT” DA JUVENTUDE PAULISTANA



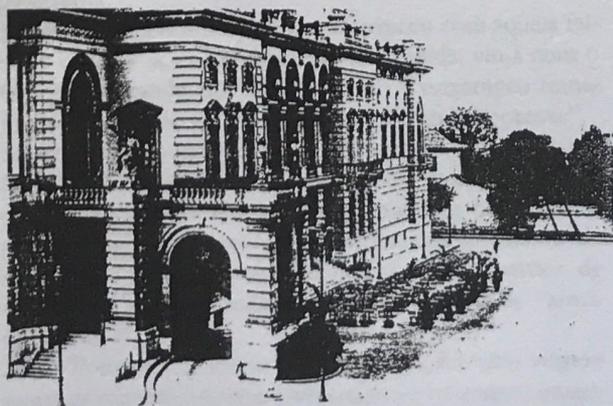
tes tinha como intermediárias as meretrizes, ou mesmo as donas de pensão. O *rapazão elegante* consumia cocaína, morfina e éter.¹⁶

A cidade era derrubada, apareciam ruas e desapareciam casas. Em 1911 o Teatro Municipal surgia imponente. Ele representava a afronta e o triunfo da “cidade nova”. Mas para Madame Pommery o que realmente se destacava, era o que funcionava dentro do Teatro, o **Bar do Municipal**. O tempo perdeu esta pérola, traiu o grande Teatro omitindo a parte mais intrigante da nova casa de espetáculos. O **Bar** funcionava mesmo sem o Teatro estar com alguma *tournee*. Ele fazia o *frenesi* do Teatro.

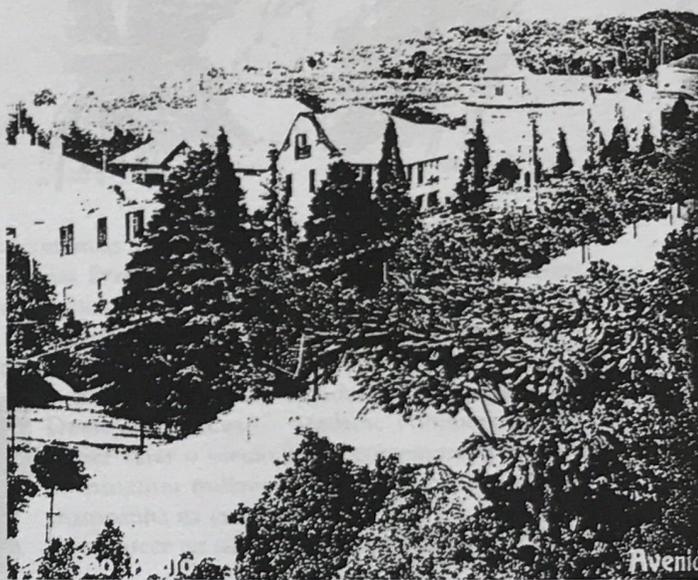
A vida na cidade se agitara, os “vícios elegantes” aumentavam. Dizia-se que o **Bar do Municipal** era a origem de muitos “danos morais” à *jeunesse dorée*. Ali os negócios proliferavam, a vida dos divertimentos era mais cara e Madame Pommery peça chave no emaranhado destas histórias, sinônimo de “movimento”, “pó” e etc...¹⁷

O **Bar do Vicente**, o **Municipal**, tornara-se “feira de amores caros”, onde o *mulherio* transformava-o em vitrina, substituindo o antigo hábito dos cafés-concerto. Novos hábitos, novos desejos e preços mais altos para consumir tudo isso. O champanhe Pommery se derramava sobre os copos como marca registrada do reinado da grande preceptora dos **botocudos** substituindo o antigo hábito da cerveja Antártica. O Coronel carrancudo dos primeiros tempos já não era o mesmo, começava a rir, os bigodes estavam penteados e ele tomava seu primeiro banho na banheira batismal do Paradis Retrouvé.

Madame Pommery colocou aqueles rudes homens em fila, alinhou suas barrigas e explicou tudo sobre higiene. O Coronel se apaixonou por todo aquele ritual. O primeiro



BAR DO MUNICIPAL VISTO DO TEATRO S. JOSÉ (1920)



A AVENIDA PAULISTA, NO INÍCIO DO SÉCULO, ERA A PASSARILHO DO CORSO CARNAVALESCO

banho não foi tranqüilo, nem poderia, algo iria mudar e aquele velho homem cansado, rude, tinha medo daquela banheira repleta de vapores cheirosos.

Agora o perfume francês escapava do frasco da Rainha dos **botocudos** e saía de sua casa pela fresta das janelas, invadindo a cidade. O odor forte embriagava a imaginação de seus alunos recém “batizados”. E, entre um segredinho e um comentário, aquelas senhoras, esposas e filhas de coronéis, adotavam alguns costumes que saíam do Palácio de Madame Pommery.

Os costumes se misturavam, o **Bar do Municipal** acolhia a todos. Olhares, risos, dez horas, hora do movimento mudar, mães de família pra casa, mulheres públicas na rua, homens voltando de casa, sorrisos e encontros anteriormente discretos. Agora o ar do **Bar** era de intimidade, a vida se refazia. As risadas altas inundavam o salão. *Flirts*, o império dos *flirts*. A Mulher brilhava e se movia no Salão. Enquanto o movimento imperava naquela “feira de amores caros”, a cidade não se intimidava. As construções continuavam. Os projetos de alargamento da área central saíam do papel e as picaretas públicas pareciam ameaçar o reinado de Madame Pommery.

Mas nossa heroína não se intimidou, foi ao Carnaval na Avenida Paulista. A “vida mundana” se deslocara do *Triângulo* para a nova avenida, que aos domingos se coalhava de automóveis, elegantes senhoras e “guapos” rapazes. Foi ali que ela percebeu as mudanças na vida dos divertimentos. A força do preconceito se abatera sobre a sociedade paulistana, o bem e o mal se polarizavam e era inevitável que o papel de demônio caísse bem às cortesãs.

A ampliação dos espaços, o alargamento das ruas e o desejo de movimento faziam com que, por vezes, a farsa e a realidade deixassem cair suas máscaras e vissemos, no tecido fino dos divertimentos elegantes, as pequenas tragédias



ber com mais profundidade as suas aventuras, basta procurar nas livrarias, pois a astuta “espanhola” reapareceu em sua quinta edição, em 1997, lançada pela Ed. Unicamp e Fundação Casa de Rui Barbosa. Tornando-se também eleita neste ano leitura obrigatória para o concurso vestibular da Universidade Estadual de Campinas.

Destino ou Acaso? Madame Pommery parece querer varar o século XX e comemorar a entrada do próximo milênio estourando sua garrafa de champanha na cidade de São Paulo.

E ela parece ter talento suficiente para isso...

* Este artigo foi baseado em dissertação de tese do autor, *O Menir de Pommery*. Mestrado em Antropologia, PUC/SP, 1994.

** Graduada em Ciências Sociais e Mestre em Antropologia pela PUC/SP. Pesquisadora do Departamento de Patrimônio Histórico do Município de São Paulo.

As imagens utilizadas neste artigo foram reproduzidas das publicações: “Os Prazeres da Noite”, Margareth Rago; “De Pastora à Rainha”, Cícero Marques; “O Pirralho”, 1917

1 *O Beijo na rua*, jornal carioca do sindicato das prostitutas do Rio de Janeiro.
2 José Maria de Toledo Malta (1885-1951) escreveu um único romance, *Madame Pommery*, traduziu os *Ensaços de Montaigne* e alguns esparsos artigos, prefácios e crônicas. Apesar da pequena produção literária do autor, a obra *Madame Pommery* teve grande sucesso de público à época de seu lançamento, sendo depois considerada “obra menor” e definida como “Pré-Modernista”. Como Engenheiro, Toledo Malta também se destacou. Escreveu *Laços, Vigas e Pilares de Cimento Armado; Cimento Armado; Cálculo Rápido* (1925). Trabalhou na Companhia Mogiana de Estrada de Ferro em Campinas. Foi nomeado Engenheiro da Repartição de Águas e Esgotos de São Paulo. Foi chefe do escritório técnico da firma Siciliano & Silva. Projetou algumas obras importantes na cidade de São Paulo como: o observatório da Água Branca, a Ponte da Mooca (Iamanduaeté), o reservatório da Lapa, a retificação do canal do Tietê. Projetou e calculou a estrutura do Edifício Mauá (Vd.Dna.Paulina; e também, sobre as bases de seus cálculos, foi construído o Edifício Martinelli. Entre 1939 a 1940 foi presidente do Instituto de Engenharia.

3 Hilário Tácito, *Madame Pommery*, São Paulo, Ed.Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, (4ed.). As citações da obra *Madame Pommery* serão indicadas apenas por uma referência à página no próprio corpo do texto
4 *o triângulo* é formado pelas ruas Quinze de Novembro, São Bento e Direção.
5 Guido Fonseca, *História da Prostituição em São Paulo*, São Paulo, Ed.Resenha Universitária, 1982, pp.131-132.
6 Ernani S. Bruno, *História das Tradições da Cidade de São Paulo*, III, Rio de Janeiro, Ed.José Olympio, 1954, p.886
7 Margareth Rago, *Os Prazeres da Noite*, São Paulo, Ed.Paz e Terra, 1991, p.44
8 Guido Fonseca (1982) pp.167-178.
9 Guido Fonseca, op.cit. pp.167-178.
10 Margareth Rago, op.cit. p.64
11 Vicente de Araújo, *Saiões, Circos e Casamentos de São Paulo*, São Paulo, Ed.Perspectiva, 1981, p.23. Ver tb. Sobre o Politeama Cícero Marques, De Pastora à Rainha e Tempos Passados...
12 idem, p.39
13 idem, p.35
14 Ernani S. Bruno, op.cit. p.90
15 O plano Grandes Avenidas foi concebido pelo arquiteto francês Bouvard(arquiteto) na gestão do Prefeito Antonio Prado (1899-1911).
16 *A Capital*, São Paulo, 12/01/1916
17 Guido Fonseca, op.cit. p.200
18 Casa de divertimentos que só permita a entrada de famílias da “fina” elite aristocrática da época.

CENAS DO CORSO NA AV. PAULISTA, EM 1922

cotidianas expostas, sem um canto, uma viela, uma rua estreita que lhes desse guarita.

Os novos tempos deixavam poucas opções a Madame Pommery. Os desejos da cidade se diversificavam, os divertimentos surgiam em maior quantidade. O cinematógrafo regia os novos tempos. Max Linder, o famoso cômico imantava a platéia. As informações chegavam à cidade das mais variadas formas, e as opiniões e comentários costuravam novas relações sociais que pareciam querer apagar dos novos tempos toda aquela educação da primeira fase da **desbotucatização** paulistana.

Mas Madame Pommery não se aborreceu com aquela falta de consideração. Lembrou-se de Zoraida, viu-a com o Coronel entrando no “Electro Club”¹⁸ e resolveu transformar o final de sua história numa “grande apoteose”. Assim espalhou-se a notícia pela cidade que Madame Pommery vendera o Paradis e desejava arranjar um bom casamento. Foi ao **Bar** do Municipal. Fez um levantamento dos pretendentes e escolheu um candidato de *avant garde* da nova safra de novos-ricos, “barões de meia tigela” que abundavam naquela vitrina de “amores caros”.

Mme. Pommery se casou com um deles, fez uma viagem longa de núpcias e voltou com sua nova roupagem aristocrática, em fase de **Regeneração**. E para quem quiser sa-

Paula Ester Janovitch é socióloga do DPH